

Os Gêneros Textuais da Esfera Jornalística no Planejamento de um Projeto de Extensão Universitária

Genres from Journalistic Field at Planning an Academic Extension Project

Lidia Maria Gonçalves^{a*}

^aUniversidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas, PR, Brasil

*E-mail: lidia@uel.br

Resumo

Este artigo relata o cotidiano de um projeto extensionista que visa desenvolver um conjunto de práticas de letramento com base em gêneros textuais da esfera jornalística, levando os alunos das escolas participantes a refletirem sobre práticas sociais que se dão em situações enunciativas concretas. Também, possibilita aos docentes e discentes da Universidade Estadual de Londrina - UEL, colaboradores do projeto, um caminho para atuarem como mediadores no desenvolvimento de capacidades de linguagem dos alunos das escolas atendidas, além de ser um meio de busca de fundamentos teóricos, articulados à prática de sala de aula no tocante ao ensino-aprendizagem de língua portuguesa por meio dos gêneros textuais da esfera jornalística.

Palavras-chave: Gêneros Textuais. Esfera Jornalística. Ensino da Língua Portuguesa.

Abstract

This article reports the routine of an extension project that aims to develop a set of literacy practices based on genres of journalistic field, leading students of attendant schools to reflect on social practices that take place in concrete enunciation situations. It also enables a way for teachers and students of Universidade Estadual de Londrina to act as mediators in the development of language competences of students from attendant schools, besides being a tool to search theoretical basis linked to classroom practice regarding teaching and learning Portuguese through genres from journalistic field.

Keywords: Genres. Journalistic Field. Teaching Portuguese.

1 Introdução

Os colaboradores do projeto “Impulso no conhecimento da Língua Portuguesa por meio dos gêneros textuais da esfera jornalística em instituições de ensino da região de Londrina/Paraná” planejam sequências didáticas com gêneros textuais em circulação nos jornais da região norte do Paraná e aplicam essas sequências em escolas de educação básica, o que varia de um nível escolar para outro são as dimensões ensináveis de determinado gênero discursivo. Concebemos a linguagem como interação entre indivíduos em determinado grupo social, ou seja, o indivíduo é transformado nas relações produzidas em determinada cultura por meio da mediação de sistemas simbólicos, que são representações da realidade, e, ao mesmo tempo, pode fazer transformações em sua realidade; pois, como ensina Vygotsky (2008), ao interagir com o conhecimento, o homem se modifica, adquire novas formas de pensamento e aprende a como agir em seu meio, assim, um bom ensino interfere na zona de desenvolvimento proximal, isto é, parte do que já se sabe para ampliar o conhecimento.

De acordo com esta concepção interacionista, somos mediadores das interações entre nossos alunos e os objetos de conhecimento, à medida que propomos e dirigimos atividades para impulsionar a aprendizagem. Temos como respaldo as teorias de Vygotsky (2008), pois partimos daquilo que os

alunos já sabem e visamos as suas capacidades reais. Dando a atenção devida a esses aspectos do funcionamento da linguagem, otimizamos capacidades de leitura e de escrita. Partindo de atividades práticas, demonstramos que todo texto é produto da criação coletiva, porque junto à voz do produtor manifesta-se um coro de outras vozes, pois, para interagir com os outros, retomamos falas e palavras já ditas, apreendemos as vozes dos outros. Todo estudioso da teoria bakhtiniana reconhece a dialogicidade constitutiva do enunciado; por isso, sempre pensamos a linguagem em sua configuração dialógica, como um acontecimento social, fruto de uma atividade social.

O objetivo do projeto extensionista é impulsionar o conhecimento da língua portuguesa por meio dos gêneros textuais da esfera jornalística. Para tanto, desenvolvemos capacidades de reflexão sobre a língua e sobre as ações de linguagem nos gêneros textuais da esfera jornalística. Procuramos otimizar a construção crítica dos significados dos textos que circulam na mídia impressa e, desse modo, ampliar a visão de mundo dos envolvidos no projeto. Nesse sentido, elaboramos na universidade um conjunto de atividades que favorecem a leitura, a produção de textos e a análise linguística de gêneros discursivos circulantes na mídia impressa e aplicamos, nas escolas de educação básica, esse conjunto de atividades.

A opção pelo jornal, em sala de aula, contempla a concepção de língua como discurso efetivado nas diferentes práticas sociais e vai ao encontro das orientações veiculadas pelas Diretrizes Curriculares do Paraná para a disciplina de Língua Portuguesa. Embora muitos livros didáticos tragam grande variedade de textos, inclusive de jornal, parece-nos que o texto de jornal fora de seu suporte natural, sem negar sua potencialidade para o trabalho com certos aspectos textuais e/ou linguísticos, perde muito em possibilidades de abordagem mais produtiva, devido à dificuldade em se estabelecer, por exemplo, o diálogo daquele texto com outros no mesmo periódico.

Assumimos como objeto de estudo, o texto publicado pelo jornal, diante do seu potencial para a formação de leitores. Não visamos diretamente ao ensino da gramática ou da norma culta, no entanto, o indivíduo que é exposto a determinados fatos linguísticos, no caso à norma padrão, variedade usada no jornal, tende a ampliar sua competência no universo da linguagem, mesmo sem atividades diretamente voltadas para esse fim. É a concepção *bakhtiniana* de linguagem como instrumento de interação que norteia nosso projeto e encaminha nossas propostas de ensino de língua. Evidentemente, não perdemos de vista o papel central das aulas de Língua Portuguesa de proporcionar para todos oportunidade de aprender/adquirir, particularmente, a variedade culta da língua como instrumento para usufruto de tudo o que o domínio dessa variedade pode proporcionar ao indivíduo na sociedade. Em conformidade com as Diretrizes Curriculares para Língua Portuguesa, assumimos a tarefa de “propiciar acesso aos recursos de expressão e compreensão de processos discursivos, como condição para tornar o aluno capaz de enfrentar as contradições sociais em que está inserido e para a afirmação de sua cidadania, como sujeito singular e coletivo” (PARANÁ/ SEED, 2006, p.23).

Nesta perspectiva, propomos um programa para a formação de leitores e ensino da língua culta em uso, capturando-a viva e pulsante na mídia jornalística escrita. Tal abordagem favorece maior domínio da variedade culta da língua por parte dos alunos, pois não trabalhamos com a língua, de forma abstrata, fora do contexto de uso. Aliás, o primeiro argumento que nos faz pensar no jornal como ferramenta alternativa para a formação de leitores é a linguagem em seu contexto de uso. O jornal espelha uma norma aceitável e vigente no momento e o aluno que desenvolve o gosto pela leitura de jornais e/ou revistas tende a estar sempre atualizado.

2 Desenvolvimento

2.1 Dos critérios de encaminhamento dos trabalhos

Trata-se de um projeto em andamento, iniciado em 2012. Os grupos de estudo eram realizados quinzenalmente durante todo o período de vigência do projeto e coordenados pela autora deste, para compreensão das atividades desenvolvidas e das concepções norteadoras do trabalho, bem como contribuição

para a fundamentação teórica da equipe. Atualmente, esta é formada pela professora universitária, por uma colaboradora externa (Especialista em Língua Portuguesa) e duas graduandas em Letras (sendo que uma delas é pedagoga).

Cada colaborador planejou e desenvolveu um projeto específico, pensado a partir da seleção dos gêneros a serem trabalhados e das diferentes atividades a serem desenvolvidas na educação básica a favor da otimização do conhecimento da Língua Portuguesa por meio dos gêneros textuais da esfera jornalística.

As reuniões da equipe de colaboradores do projeto servem para planejar as atividades extensionistas e para desenvolver capacidades de reflexão sobre a língua e sobre as ações de linguagem nos gêneros textuais da esfera jornalística.

A aplicação do planejamento é feita de modo a otimizar a construção crítica dos significados dos textos que circulam na mídia impressa e, assim, ampliar a visão de mundo de todos os alunos das escolas de educação básica envolvidas com este projeto.

Divulgamos, em eventos da área, conhecimentos gerados a partir da aplicação de um conjunto de atividades promotoras da leitura, da produção de textos e da análise linguística de gêneros discursivos circulantes na mídia impressa e que foram efetivamente realizadas nas escolas de educação básica.

As atividades norteadoras desse projeto de extensão universitária englobam sete passos. O primeiro foi o recrutamento da equipe. A seguir, houve a realização de grupos de estudo para conscientizar sobre o que é letramento e como promovê-lo no ensino da Língua Portuguesa por meio dos gêneros textuais da esfera jornalística. Na sequência, demos continuidade aos grupos de estudo para ensinar a elaborar subprojetos extensionistas; para a seleção do gênero textual a ser focado em cada projeto específico e para a busca teórica de justificativa para a eleição de determinado gênero discursivo. Feito isso, continuamente realizamos a seleção dos textos a serem utilizados nas sequências didáticas ministradas aos alunos da educação básica. O próximo passo foi estudar as características do gênero eleito para foco da sequência didática. Só depois desses procedimentos foi que partimos para a aplicação da sequência didática com o(s) gênero(s) focado, sendo que uma sequência didática pode focar mais de um gênero, dependendo dos objetivos.

2.2 Da seleção dos materiais a serem trabalhados e da forma de atuar

Adotamos a definição bakhtiniana de gêneros do discurso, ou seja, os gêneros são “tipos relativamente de enunciados”. Nossos discursos materializam-se nos enunciados e eles são estruturados de uma forma ou de outra dependendo do gênero textual eleito para expressar o querer dizer do falante ou escritor. Em síntese, a noção de gênero dá acabamento ao enunciado. Disso resulta a necessidade de conhecermos as características dos gêneros textuais a serem focados na esfera acadêmica. Eles são o nosso objeto de trabalho.

As particularidades do gênero textual são balizadas pelas características específicas de cada esfera da comunicação humana. Assim, o ensino de gêneros leva em conta os usos e funções dos textos em uma situação comunicativa. Afinal, a construção composicional resulta das necessidades da situação interativa e da tradição, por isso dizemos que os gêneros são relativamente estáveis. Em outras palavras, é a situação de produção e o propósito comunicativo que definem a escolha do gênero e o modo de textualizá-lo/produzi-lo.

Como o homem contemporâneo vive cercado pelos meios de comunicação de massa, devemos dar espaço aos gêneros textuais da esfera da mídia nas nossas aulas. O trabalho pedagógico sempre enfocará alguns gêneros textuais em detrimento de outros. O nosso projeto extensionista corrobora para transformar a informação advinda da esfera jornalística em conhecimentos úteis para o exercício da cidadania à medida que desenvolve sequências didáticas com textos de circulação social (notícias, reportagens, entrevistas, editoriais, artigos de opinião, charges e outros gêneros textuais veiculados nos jornais).

A partir dos objetivos específicos de cada aula ou conjunto de aulas, elaboramos a nossa sequência didática. Ela consiste em uma série de atividades. Inicia-se pela seleção do gênero a ser trabalhado e, antes de qualquer ensinamento sobre ele, vemos o que os alunos já sabem sobre o mesmo e vamos aprofundando esses conhecimentos em relação àquilo que eles sabem. O projeto didático requer a seleção dos textos a serem utilizados e o planejamento de atividades que vão progredindo em complexidade. Como já dito, consideramos a faixa de idade e de escolaridade do grupo de alunos atendidos. Atividades com a mídia impressa podem ser aplicáveis desde a educação infantil até a pós-graduação, evidentemente, adaptadas ao grupo para o qual se dirigem. O essencial é provocar uma aprendizagem significativa.

A aprendizagem significativa é o processo pelo qual uma nova informação se relaciona de maneira não arbitrária e substantiva (não-literal) à estrutura cognitiva do aprendiz. A aprendizagem significativa, assim, se contrapõe a aprendizagem mecânica ou automática, quando, nesta última, as novas informações são adquiridas sem interagir com conceitos relevantes existentes na estrutura cognitiva. [...] sabemos hoje que a aprendizagem mecânica não conduz à construção do conhecimento e, portanto, sua exposição arbitrária por parte do professor jamais permitirá que o aluno possa utilizar seus conhecimentos como instrumento do conhecer, fazer, viver e principalmente ser (ANTUNES, 2001, p.15-17).

Dolz et al. (2004) propõem um ensino baseado na criação de sequências didáticas, envolvendo atividades que impliquem no desenvolvimento de capacidade de ação (reconhecimento do gênero e sua relação com o contexto de produção e mobilização de conteúdos); capacidade discursiva (mobilização de modelos discursivos, isto é, reconhecimento do plano textual e dos tipos de discurso e sequências de um gênero); capacidade linguístico-discursiva (domínio das operações de seleção das unidades linguísticas tópicas de cada gênero). Ao planejar as atividades práticas, estaremos atentos

para ampliar essas capacidades.

O importante é partir sempre daquilo que os alunos já sabem e visar objetivos de aprendizagem relacionados com as suas capacidades reais para levar os alunos a compreender que o valor (social e ideológico), o tom (a expressividade) do enunciado estão ligados ao tema do texto e que esse pertence a um gênero textual, prestando atenção a esses aspectos do funcionamento da linguagem.

De acordo com Dell'Isola (1996, p.73), a leitura deve ser entendida como uma atividade de co-produção do texto, pois o leitor busca, em sua bagagem sócio-cultural, informações para complementar e, assim, compreender o que está sendo lido. “Através do processo de interação sujeito/linguagem gerado pela leitura, o leitor será co-produtor do texto, completando-o com sua bagagem histórico-cultural”.

A proposta de leitura enquanto resultado de interação pressupõe que o texto é passível de interpretações múltiplas. Segundo Menegassi (1995), a leitura é um processo composto por quatro etapas interdependentes: decodificação, compreensão, interpretação e retenção. E trabalhar a pré-leitura é compartilhar o conhecimento externo ao texto e à escola.

Silva, Gaffuri e Menegassi (2006) afirmam que a escolha do texto é o passo inicial e é a partir dele que todas as atividades se desencadearão. De acordo com os autores, a possibilidade de atingir os resultados esperados nas atividades aumenta quando o professor escolhe um texto compatível com as características dos alunos e, simultaneamente, atente para as necessidades de aprendizagem. Contudo, alertam para o fato de que o professor é o condutor de todo esse processo e é por meio da concepção que ele tem de leitura que conduzirá a sua prática.

Quer sejam as questões de compreensão e de interpretação de texto realizadas de forma oral ou escrita, elas devem alavancar o conhecimento prévio do aluno, evocando a sua bagagem sociocultural. Desse modo, também é possível aprender com a bagagem cultural dos outros participantes do grupo.

Apoiamos a ideia de que antes da leitura do texto viriam as questões que levantariam hipóteses. É essencial ao aluno saber que o professor sente interesse sobre fatos da vida exterior à escola, estimulando-o a prestar atenção no desenvolvimento das atividades (SILVA, GAFFURI, MENEGASSI, 2006).

2.3 Discussão dos papéis de cada agente

Como o trabalho com a leitura e com a escrita em salas de aula da educação básica é o objeto das reflexões deste estudo, procuramos desenvolver práticas pedagógicas a partir da concepção sociointeracionista, buscando manter a compatibilidade entre os preceitos desse aporte teórico e as práticas desenvolvidas no decurso do projeto extensionista “Impulso no conhecimento da Língua Portuguesa por meio dos gêneros textuais da esfera jornalística em instituições de ensino da região de Londrina/PR”. A experiência revela o que

a teoria enuncia, ou seja, de fato, a troca de informações entre sujeitos na sala de aula é fundamental para que haja resultados benéficos.

O que ocorre, em geral, é que os resultados do trabalho com a leitura não estão sendo bons. Portanto, a partir dessa situação, os estudiosos questionam se as estratégias de leitura estão sendo efetivadas de maneira adequada em sala de aula e se o professor está considerando as características que o aluno deve ter para estar pronto para a leitura de um texto. Diante desse quadro, projetos universitários justificam-se.

A participação neste projeto extensionista resulta na execução de um plano de trabalho por parte da docente orientadora dos discentes e dos cidadãos voluntários colaboradores dessa proposta. Compete à docente organizar grupos de estudo para a discussão de textos teóricos e levar os discentes-colaboradores do projeto a considerarem os aspectos culturais, sociais e históricos do contexto de produção do texto focado, para que não enfatizem apenas a estrutura formal / linguística do texto. Além disso, é de sua responsabilidade a função de acompanhar a organização de atividades extensionistas, de modo a orientar a execução de um trabalho real com a linguagem em uso na esfera da mídia impressa. Também deve participar de congressos, seminários ou demais eventos da área ou de áreas afins, apresentando comunicações e/ou painéis, bem como incentivar e orientar a participação dos colaboradores do projeto nestes eventos.

Por sua vez, aos discentes e cidadãos voluntários colaboradores do projeto cabem a tarefa de selecionar textos jornalísticos para trabalhar com os alunos da educação básica. E, ainda, o dever de participar de grupos de estudo promotores de uma reflexão crítica sobre as nossas representações sobre a escola enquanto espaço de formação de cidadãos; sobre o nosso papel como educadores e sobre a própria ação extensionista que realizamos via projeto e seus reflexos na consciência social dos alunos envolvidos e no desempenho deles nas aulas de Língua Portuguesa. Devem, além disso, planejar e aplicar sequências didáticas que levem o público-alvo (alunos da educação básica) a explorar as capacidades de ação, capacidades discursivas e capacidades linguístico-discursivas, ou seja, capacitá-los a identificar: Quem produz texto nesse gênero; sobre quais temas esses textos tratam; para quem se dirigem; quais as imagens sociais; qual propósito interativo; qual o valor/ideológico desse gênero na sociedade; que valores por ele circulam em relação ao tema; e demais questões que irão desenvolver a capacidade de leitura, análise linguística e produção textual dos alunos beneficiados com o projeto, dentre elas, o reconhecimento do plano textual e dos tipos de discurso e sequências de um gênero e o domínio das operações de seleção das unidades linguísticas típicas de cada gênero.

Durante todo o processo, realizam, junto com a

coordenadora do projeto, frequentes avaliações pessoais acerca de nossa capacidade de ação (o que podemos fazer), nossas intenções (o que queremos fazer) na sala de aula e quanto aos motivos (razões que temos para agir) nas interações com os alunos envolvidos no projeto. Também, participam de congressos, seminários ou demais eventos da área ou de áreas afins, apresentando comunicações e/ou painéis sobre o real impulso no processo de letramento feito a partir de sequências didáticas com a linguagem em uso na esfera da mídia impressa.

3 Conclusão

Nas práticas desenvolvidas por meio do nosso projeto extensionista, estamos atentos para que o discutido em sala de aula faça sentido para a vida social e familiar, para que a escola não seja desvinculada do exercício da cidadania. Nesse sentido, as atividades de leitura e de escrita de textos de gêneros textuais circulantes na esfera jornalística serão ou não produtivas se conduzirem a uma interpretação e apreensão de sentidos intertextuais, não perdendo a relação com a realidade social.

Por meio da análise linguística de textos da esfera jornalística, os alunos envolvidos estão percebendo que todo texto é produto de uma criação coletiva, porque junto à voz do produtor se manifesta um coro de outras vozes que já trataram desse tema. Pois, para interagir com os outros, retomamos falas e palavras já ditas, apreendemos as vozes dos outros. A dialogicidade é constitutiva do enunciado. Por isso, devemos pensar a linguagem em sua configuração dialógica.

Referências

- ANTUNES, C. *Como transformar informações em conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 275-326.
- DELL'ISOLA, R.L.P. A interação sujeito-linguagem em leitura. In: MAGALHÃES, I. (Org). *As múltiplas facetas da linguagem*. Brasília: UNB, 1996, p. 69-75.
- MENEGASSI, R.J. Compreensão e interpretação no processo de leitura: noções básicas ao professor. *Revista Unimar*, v.17, n.1, p.85-94, 1995.
- DOLZ, J. et al. A exposição oral. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G.S. (Org.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p.215-246.
- SILVA, A.M.; GAFFURI, P.; MENEGASSI, R.J. Leitura e pré-leitura na sala de aula do ensino fundamental. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUAGEM EM INTERAÇÃO, 1. Maringá, 2006. *Anais...* Maringá: UEM, 18 a 21 out. 2006.
- PARANÁ. Diretrizes Curriculares da Educação Fundamental da Rede de Educação Básica do Estado do Paraná. Secretaria de Estado da Educação. Língua Portuguesa. Curitiba: SEED, 2006.
- VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.